

Liana da Silva Cunha¹

*E*U NÃO SOU ESGOTO DO GOZO ALHEIO

*I*AM NOT A SEWER OF ANYONE'S SEMEN

RESUMO

Este artigo emerge do desejo de partilhar os processos e os procedimentos que resultaram na performance *Eu não sou esgoto do gozo alheio*. Esta célula de movimento integra o videodança *Terrorismo poético: Pequenas ações para encantar a quebrada*, do grupo Fragmento Urbano (Guaianases, São Paulo/SP). Como fio condutor deste processo criativo, o aborto e a prática de *stealthing* permearam as reflexões, as práticas e a criação, amarradas em experiências pessoais, bem como, das mulheres negras da minha família. Entre as *pretagogias* do percurso estão a improvisação em dança, diários de bordo e registros através de imagens e vídeos. Como resultado, está a apresentação no 13^o *Visões urbanas: Festival internacional de dança em paisagens urbanas*. Relatos de amigas e notícias veiculadas pelas mídias, também auxiliaram a abordar este assunto de maneira, crítica, sensível e poética, na tentativa de ressignificar violências e traumas em dança e possibilidades de cura.

Palavras-chave: Dança; Criação; Experiências; Aborto; *Stealthing*.

ABSTRACT

This article emerges from the desire to share the processes and procedures that resulted in the performance *I am not a sewer of anyone's semen*. This movement cell is a part of the videodance *Poetic terrorism: Small actions to enchant the outskirts*, by the group Fragmento Urbano (Guaianases, São Paulo/SP). As a guiding thread The videodance screening took place at the XXX. As a guiding thread of this creative process, abortion and the practice of *stealthing* permeated the reflections, practices and creation, tied to personal experiences, as well as those of the black women in my family. Among the *pretagogias* of the rout are dance improvisation, logbooks and records through images and videos. As a result, it will be presented at the 13th Urban visions: International festival of dance in urban landscapes. Reports from friends and news broadcast by the media also helped to address this issue in a critical, sensitive and poetic way, in an attempt to reframe violence and trauma, in dance and possibilities for healing.

Keywords: Dance; Creation; Experiences; Abortion; *Stealthing*.

A criação que resultou na performance *Eu não sou esgoto do gozo alheio*, integra o videodança *Terrorismo poético: Pequenas ações para encantar a quebrada* e emergiu junto ao grupo de dança Fragmento Urbano. O Fragmento Urbano nasceu em 2009, em Guaianases, na periferia da zona leste de São Paulo/SP. Como campo de pesquisa do grupo, estão as corporeidades periféricas, afro-diaspóricas e ameríndias com proposições para a rua e sua paisagem humana. Esta ação foi possibilitada através do edital da primeira edição do prêmio Aldir Blanc de apoio a cultura da cidade de São Paulo. Cabe ressaltar que ocorreram várias outras ações para além do videodança e que fizeram parte do projeto Terrorismo poético como um todo, entretanto, neste artigo elas não serão abordadas.

O ponto de partida para o processo criativo individual, de cada um dos 15 artistas que compõe o grupo, iniciou em Janeiro de 2021 e seguiu até o mês de Abril deste mesmo ano. Após este período, a edição das imagens ficou sob a responsabilidade da social mídia Alice Soares e a trilha sonora ficou aos cuidados do produtor musical Thiago Sonho. Ao término dessas etapas, o vídeodança estreou apenas ao final de Junho de 2021, no 13º *Visões Urbanas - Festival internacional de danças em paisagens urbanas*, promovido pela Cia. Artesãos do Corpo/Dança-Teatro, de São Paulo/SP.

Todo o processo ocorreu de maneira não presencial, levando em consideração a pandemia de covid-19 que tomou

grandes proporções no nosso país. Devido também à falta de medidas efetivas do desgoverno atual, o que contribuiu para o cenário que encontramos hoje no Brasil. Nós somos um grupo com participantes de diferentes faixas etárias, composto por pessoas pretas, pobres e/ou periféricas. Portanto, temos a consciência que se não nos cuidarmos de todas as maneiras possíveis, o atual (des)governo e o Estado não irão garantir a nossa sobrevivência, como não garantiram no período pós-abolição, onde fomos deixados à própria sorte (NASCIMENTO, 1978). Não garantiram uma possibilidade de sobrevivência digna no passado, não garantem no presente frente ao vírus e quiçá não vão garantir no futuro.

Para que ideias e motivações emergissem tornando-se alimento criativo, na primeira semana de (re)encontro do grupo após as férias, uma oficina gratuita ministrada por Anelise Mayumi intitulada *Na base da gambiarra: Gestão e produção em dança na quebrada*, foi realizada. A oficina procurou abordar temas como: o que é gestão? O que é produção? Quais são as especificidades da quebrada? O que são editais? Além disso, a concepção, a criação e a escrita de projetos também foram trazidos como uma pauta importante a ser mencionada e desenvolvida. Como vender o meu trabalho no mercado das artes e da dança? Quais são as especificidades sobre a atividade de produtora/r? Que ferramentas podem auxiliar no desenvolvimento de materiais? Estes tópicos

foram alguns dos elementos *suleadores* da oficina, que ao término, disponibilizou um certificado referente às 12h de atividades.

Entre os participantes desta formação estavam não apenas os integrantes do grupo, mas também outras/os convidadas/os. Durante esta oficina, que ocorreu por 5 dias consecutivos, questionamentos foram realizados pois, a partir destas possíveis respostas o desejo de criação de cada dançarina/o, artista, pesquisadora/r poderia ser elucidado pouco a pouco. Entre esses questionamentos, estavam: qual é o seu sonho? Para quem está fazendo isso? O que ou quem esta ideia está fortalecendo? Quem sou eu? O que eu quero? Por que? Onde? Como? Quando? Quanto? O que é a minha proposta? Qual é a temática da proposta? Qual é a pesquisa feita? Como será realizada? Como será a logística? Quem participará? O que será preciso?

A partir desta inicial elucidação acerca dos desejos de criação, auxiliado através das perguntas, foi solicitado para todas/os as/os integrantes do grupo a escrita de um projeto, que trouxesse a proposta a ser abordada, atravessada pelas respostas dos questionamentos acima. A elaboração desta escrita era livre, não havia um formato específico nem um número de páginas determinado. Em um primeiro momento o projeto foi enviado apenas para as pessoas que compõe a direção do grupo e posteriormente para todos os seus integrantes.

Portanto, é importante mencionar que todas as pessoas tiveram acesso a leitura de cada um dos projetos elaborados. Então,

a princípio, todos lemos o projeto de todos. Tivemos acesso ao jeito de escrever, as imagens, os desejos, as perspectivas, as memórias, as referências de cada uma e de cada um. Desta maneira, poderíamos nos ajudar compartilhando materiais que fossem ao encontro do desejo do outro, auxiliando no seu processo. Um trabalho individual mas, ao mesmo tempo coletivo. Também poderíamos pedir ajuda se estivéssemos com alguma dúvida em relação ao percurso que escolhemos seguir pois, um projeto na prática, geralmente toma outros caminhos diferentes daqueles que foram idealizados na escrita. Isso faz parte da dinamicidade da criação, que não é estática, mas porosa aos acontecimentos e em constantes mudanças.

Nesta primeira proposta do grupo, já é visível a propagação de conhecimentos, já que a oficina não ficou restrita apenas aos que já fazem parte do Fragmento Urbano. A questão do acesso também é algo evidente, já que foi uma oficina gratuita. Compreendemos a oferta e o compartilhamento de informações como uma arma que pode e deve ser usada ao nosso favor. Conhecimento é poder, portanto, é muito importante que circule entre os nossos, que gere possibilidade de renda aos nossos. Além disso, a valorização da educação é outro ponto de grande valia pois, temos a consciência que um ensino de qualidade nas periferias é raro visto que o *(cis)tema* quer que continuemos nesta situação de pobreza material, intelectual. Além disso, em relação a educação a quebrada tem diversos outros desdobramentos e complexidades: estudar ou

trabalhar para não passar ainda mais dificuldades junto a família? Esses são apenas alguns atravessamentos que surgem ao abordar a relação da educação e difusão de conhecimentos versus a periferia.

A oferta desta oficina também faz emergir a necessidade da prática e da teoria andarem juntas. Evidenciar para outros artistas periféricos que todos nós somos capazes de elaborar uma escrita hegemônica/formal, mesmo diante dos epistemicídios (CARNEIRO, 2005) perpetrados. Para Sueli Carneiro, intelectual, ativista antirracismo, escritora

O epistemicídio é para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

Além disso, mostrar para as outras pessoas que não são desta área que a dança é um campo de conhecimento e trabalho portanto, deve ser valorizada. Inclusive, merece que recursos sejam destinados para que a sua realização não ocorra através da precariedade, cada vez mais romantizada. Pois, não somos apenas objetos ou máquinas reprodutoras, nós somos pessoas inteligentes que refletimos criticamente sobre/com/através dos nossos saberes fazeres.

Infelizmente, enquanto pessoas negras, enquanto um grupo periférico, ainda precisamos afirmar isso na sociedade racista que nos animaliza, objetifica e inferioriza (KILOMBA, 2019): nós somos pessoas inteligentes e os nossos saberes e epistemologias são válidas! Somos pessoas que lemos, pesquisamos, escrevemos, interpretamos, dançamos. A pesquisa não se encontra apenas dentro das universidades e instituições. Nós somos um grupo periférico que preza, incentiva, pratica e valoriza também a pesquisa. Este é um dos fatores que me motivam na escrita deste artigo: fechar este ciclo prático teórico.

Após esta semana intensa de oficinas teve início outra semana de encontros formativos. Durante estes encontros teoria e prática também dialogaram através de outros artistas convidados para nos instigar ainda mais. Entre esses artistas/pesquisadores estavam: Gil Marçal (Políticas públicas), Thalys Sarjo (Danças maranhenses: Raízes negras na ilha), Centro de Pesquisa e Documentação Histórica - CPDOC Guaianás (Registrar nossas memórias de quebrada, historicizar nossa existência por uma perspectiva nossa), Frank Ejara (Corporeidades negras do Hip Hop: "Danças urbanas"), Geni Núñez (Povos originários, anti-colonialidade, modos de repensar nossas lutas e existências). Também compartilharam conhecimentos com o grupo a Adriana Nogueira (Danças sociais, forró, tango) e Leonardo Domingues (Áudio descrição), no decorrer do percurso. Estas foram as

atividades que marcaram o início dos projetos, elaborações e exposições.

Com o término destas duas semanas de atividades, envolvendo a oficina e os encontros formativos com outros artistas pesquisadores, passamos a nos reunir enquanto grupo Fragmento Urbano durante quatro horas, uma vez por semana. Visto a necessidade de seguir as atividades e exercícios práticos e teóricos que iam ao encontro dos nossos desejos de criação e preparação 'corporal'. Fora deste momento específico de encontro junto ao coletivo, ocorreram conversas individuais que tivemos junto com a direção (Douglas Jesus, Tiago Reis e Anelise Mayumi). É muito difícil criar só, com suas dúvidas, suas crises, suas angústias e em meio a pandemia. Então, a partir de um olhar externo de quem não estava diretamente dentro do processo outras possibilidades eram percebidas, outras provocações ocorriam para alimentá-lo, permitindo seu fluxo.

No último mês de atividades, em Abril, ocorreu um ensaio aberto em que apresentamos aos integrantes do Fragmento Urbano o que havíamos elaborado até aquele momento. Assistir a outra pessoa que tu admira, após ter lido o seu projeto, escutado as suas dúvidas, presenciado as mudanças que ocorreram durante o percurso desembocar em uma apresentação particular de 5min a 10min aqueceu o coração, mesmo que distante e com a separação da tela. Observar sempre é um aprendizado. Depois desta apresentação ainda tivemos algumas semanas antes de enviar a

gravação completa no final do mês, para que tivesse início a etapa correspondente a edição dos vídeos. Nesta etapa de finalização, todos os integrantes também tiveram acesso a todos os vídeos gravados, assim como ocorreu com o projeto.

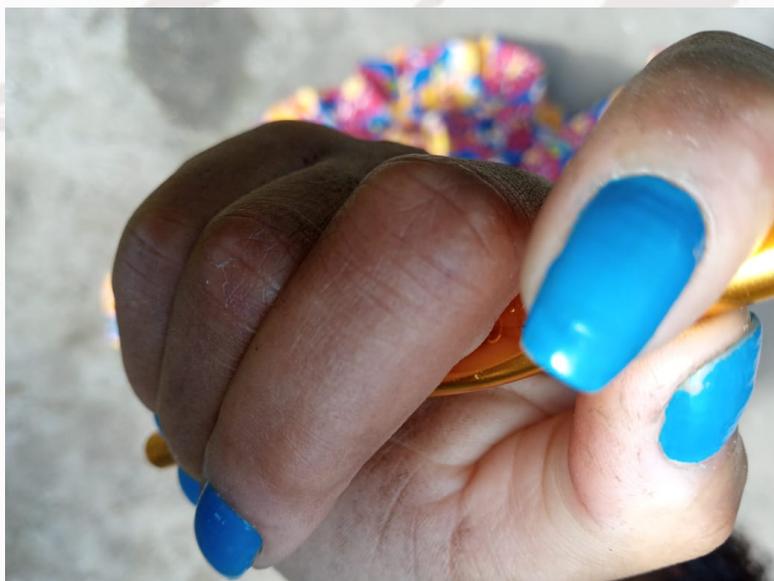
É importante ressaltar, que o ponto de vista que trago neste artigo é aquele de quem participou do processo apenas como dançarina, durante o período estipulado de três meses então, é por este filtro que traço estas reflexões e apontamentos. Antes e depois deste período muitas outras coisas ocorreram, outros integrantes do grupo acumularam também outras funções, que não necessariamente me atravessaram de maneira direta durante a criação. Portanto, estes integrantes tem outras perspectivas, que não me cabe trazer nesta escrita.

Responsabilidade, compromisso, sabedoria e dedicação envolveram esta travessia, evidenciando as mobilizações possíveis que um grupo periférico é capaz de realizar, fazendo muito com o pouco mais uma vez. Como as nossas mães e avós sempre fizeram. Um percurso totalmente organizado, estratégico, pensado do início ao fim. Nada feito de qualquer maneira, visando apenas o lucro. Nós tivemos muitos profissionais envolvidos neste projeto, nos amparando, dentro e fora do Fragmento Urbano. Essa rede de *a(fé)tividades* e confiança também é muito importante para fazer a roda girar, sempre das melhores maneiras possíveis.

Após o relato resumido do que ocorreu durante esses três meses visando a concepção, a criação e a apresentação de uma

performance para compor o videodança *Terrorismo poético: Pequenas ações para encantar a quebrada*, darei início a minha proposta individual: *Eu não sou esgoto do gozo alheio*. Peço licença e agradeço aos integrantes do grupo: Alice Soares, Anelise Mayumi, Beatriz Pontes, Caroline Machado, Cic Moraes, Douglas Iesus, Eduardo Dialético, Iolanda Costa, Ivamar Santos, Luiz Negresco, Melvin Santhana, Munique Costa, Thiago Sonho e Tiago Reis, pelos compartilhamentos, aprendizados e escutas durante este período. Assim, foi possível trazer experiências pessoais, vivências coletivas, traumas e possibilidades de cura através do corpo em dança, grafando poesias e contando histórias em movimento no espaço.

Elucidando desejos criativos: Um panorama sobre as escolhas



Performance *Eu não sou esgoto do gozo alheio*.
Santa Maria/RS, 2021. Arquivo pessoal.

Em janeiro de 2021, quando retomamos os encontros do grupo, eu me encontrava em Mairiporã/SP na casa de uma das minhas melhores amigas, a 'J. B.'. Foi neste território de afeto, cercada por árvores, montanhas, um lago e o canto dos pássaros que memórias de acontecimentos ocorridos com a minha mãe, a minha irmã mais velha e eu passaram a se conectar. Conexão que aumentou ao lembrar das histórias já compartilhadas pela J., por outras amigas e conhecidas, bem como, casos recentes naquele momento veiculados pelas mídias.

Essas histórias eram permeadas por relatos de tentativas de aborto, aborto efetivado e mais dois casos que tiveram repercussão: o aborto realizado após inúmeros obstáculos pela criança de dez anos (ES), que foi abusada sexualmente pelo seu tio em 2020 e o caso do homem que provocou o aborto sem o consentimento da sua companheira, também em 2020 (SP). Esses acontecimentos juntaram-se as minhas experiências sexuais permeadas por práticas de *stealthing*.

Segundo a jurista americana Alexandra Brodsky, o *stealthing* consiste na retirada do preservativo durante a relação sexual, praticado sem o consentimento da outra pessoa e ocorre majoritariamente em relações heterossexuais executado pelos homens. Diante desta informação, cabe ressaltar que o Sistema Único de Saúde – SUS disponibiliza a PEP – Profilaxia Pós Exposição. A PEP consiste no uso de antirretrovirais por 28 dias para reduzir o risco de infecção pelo vírus HIV em situações de violência sexual.

O termo *stealthing* é recente e passou a ser usado aproximadamente em 2017, nos Estados Unidos. Esta prática é um ato de violência sexual, entretanto não se enquadra como estupro no Brasil. O artigo 130 (perigo de contágio venéreo), o artigo 131 (perigo de contágio de moléstia grave) e principalmente o artigo 215 (violência sexual mediante fraude) são alguns em que o *stealthing* poderia se enquadrar.

Há diversos outros desdobramentos e interpretações frente a esta explanação, que levam em conta também o sistema judiciário patriarcal, branco, elitista, cis e heteronormativo, bem como, a cultura do estupro tão forte, arraigada e presente no nosso país. Portanto, esses artigos não asseguram como deveriam a nossa proteção enquanto mulheres frente a este ato de violência. Além disso, é um termo pouco discutido e que não encontra uma tradução específica para o português, o que dificulta o acesso a informação e a procura por ajuda especializada.

Desta maneira, o *stealthing* aliado a diversos outros desdobramentos (as infecções sexualmente transmissíveis – IST's, a responsabilidade afetiva, a objetificação das mulheres, o sistema de adoção brasileiro, a gravidez não planejada, a faixa etária, a morte materna, o estupro, o estupro conjugal, o aborto, a violência obstétrica) adiciona a esta violência camadas de grande complexidade. Inclusive porque no Brasil o (des)governo de extrema direita em ascensão, o conservadorismo e a bancada evangélica impedem avanços significativos referentes a todo o contexto que envolve a prática do aborto.

Como por exemplo, a portaria que o ministério público divulgou em 2020 tornando obrigatório que a equipe médica notifique uma autoridade policial sobre a violência sexual sofrida pela mulher, assinada pelo ex ministro da saúde Eduardo Pazuello. Anteriormente, segundo a *Cartilha de Atenção Humanizada ao Abortamento* (2011), não era exigido qualquer documento para a prática de abortos nos casos de violência sexual e a mulher abusada não tinha o dever legal de noticiar o fato a polícia. Esta nova portaria dificulta, coage e desencoraja as mulheres no acesso ao aborto legal, bem como, torna-se mais uma violência psicológica, emocional, sentimental. Neste sentido, cabe trazer a atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damarens Alves, que também não traz medidas efetivas acerca dessas problemáticas em seu mandato.

Além disso, questões referentes a pandemia geram outras consequências frente a estes obstáculos. Devido ao isolamento social as mulheres passam mais tempo convivendo com os seus possíveis agressores. Além disso, os meios de transportes, as mudanças de horários, a capacidade de atendimento reduzida gerados pela crise sanitária, são empecilhos que nos atingem diretamente. Bem como, houve a suspensão das atividades de diversos hospitais de referência ao aborto legal no Brasil. Portanto, influenciada por estes fatos pessoais e coletivos, somado as provocações geradas pelos questionamentos realizados por Anelise Mayumi durante a oficina, o meu desejo de pesquisa e criação para

elaboração da performance girou em torno da prática do aborto e do *stealth*.

Eu sou mulher, afro-gaúcha, pobre, bissexual, solteira, que utiliza como método contraceptivo a camisinha e sou a favor do aborto. Não tenho filhos, até o momento nunca engravidei e nunca tentei o aborto. Entretanto, vejo essa questão com um grande problema de saúde pública, em primeiro lugar. A sua proibição em vários casos e a falta de recursos econômicos, não são um empecilho para a sua realização. Esta prática ocorre diariamente, em diversos locais do Brasil e do mundo, então, a questão é: que condições devemos fornecer para que as nossas mulheres consigam passar por um procedimento seguro? Queremos e precisamos seguir vivas.

A complexidade das questões relacionadas ao aborto envolvem aspectos sociais, culturais, econômicos, jurídicos, religiosos, ideológicos, legais e morais. Portanto, é necessário discernimento e investimento em um sistema educacional que abarque essas questões de maneira responsável e acolhedora, pois o acesso à educação é capaz de transformar realidades. Visto que, há muita informação que não chega a população, há muitas pessoas não alfabetizadas. Existem muitas pessoas sem acesso à internet e pessoas que moram em áreas muito isoladas, distantes de unidades básicas de saúde.

Portanto, a educação sexual nas escolas se faz necessária e urgente. Além disso, o acesso as informações verídicas sobre o

assunto, frente as subnotificações dos óbitos ocasionados pelo aborto e a violência obstétrica. Ao falar sobre a difusão de conhecimentos torna-se importante compartilhar que várias das informações que trago neste artigo, relacionadas a este tema, eu só tive contato através da pesquisa que me impulsionou ao processo criativo. Ou seja, a falta de informação e propagação de saberes é uma realidade no nosso país, que ainda trata o aborto e seus desdobramentos como um tabu.

Diante destes fatos, entre as complicações físicas imediatas após um procedimento realizado sem o acompanhamento de um profissional habilitado, responsável e em um local precário estão a hemorragia, as infecções, a perfuração de órgãos, a infertilidade e até a morte. Junta-se a estas complicações as questões psicológicas, como o sentimento de culpa, a vergonha e o medo. A discriminação e a desumanização no atendimento, são outros fatores que também contribuem para o silêncio e a recusa na internação.

As mulheres negras, pobres, periféricas, moradoras de áreas rurais, em vulnerabilidade social, fazem o uso de preparos herbais, tomam chás, saltam de escadas, socam as suas barrigas, pedem para outras pessoas chutá-las e/ou introduzem objetos em suas vaginas. As mulheres que dispõem de recursos econômicos, principalmente as mulheres brancas, abortam de maneira rápida, segura, sem riscos ou com o mínimo possível de danos para a sua saúde.

Dado o contexto, cabe trazer que os métodos contraceptivos em sua maioria são voltados para as mulheres: o anticoncepcional oral e injetável, o DIU, o implante, o adesivo, o anel e a esponja vaginal, o diafragma, o capuz cervical, a camisinha feminina, a pílula do dia seguinte - como um contraceptivo de emergência. Através desta análise, fica visível o quão responsabilizadas são as mulheres por possíveis gestações, enquanto os homens são praticamente eximidos desta responsabilidade e cuidado, como se não fosse um dever seu também.

Quantas vezes tu foi acompanhada pelo teu parceiro ou acompanhou a tua parceira na compra de contraceptivo de emergência, quando houve a necessidade? Qual é a tua responsabilidade no sexo casual, enquanto homem e em relações heterossexuais? Qual é a tua responsabilidade nas relações sexuais não casuais? Mulheres, quantas vezes na hora do ato sexual, tu precisou pedir e/ou reforçar que o seu parceiro usasse o preservativo? Quantas mulheres te falaram diretamente e abertamente que já abortaram ou tentaram abortar? Como fica ou como se encontra a saúde mental dessas mulheres? Quem vai me cuidar? Quem vai nos cuidar? O aborto seria um estigma se os homens engravidassem? Os anticoncepcionais seriam tão nocivos, se fossem destinados aos homens? Essas perguntas trazem reflexões que merecem atenção assim como as questões em torno das masculinidades (VIGOYA, 2018), que também nos impactam

diretamente e relacionam-se com esses questionamentos, mas que eu não vou me aprofundar neste momento.

Após estes panoramas, anteriormente sobre o contexto em que se insere este artigo relacionado ao grupo de dança Fragmento Urbano e agora, sobre o contexto da minha pesquisa individual dentro deste coletivo para compor o videodança, irei trazer alguns pontos referentes ao que foi o projeto na teoria e posteriormente como ocorreu na prática. Este tema é extremamente complexo e tem muitos desdobramentos relacionados a gênero, a cor da pele, a classe social, a grau de escolaridade, a faixa etária, a territorialidade, a legislação brasileira, que eu não tenho e nem tive a pretensão de dar conta em um curto período, em uma simples pesquisa e criação.

Entretanto, este assunto merece visibilidade e reconhecimento visto a sua importância e pertinência. As danças que acredito, proponho e realizo, são políticas e poéticas. Levam sempre em consideração as histórias pessoais e coletivas que me permeiam, me atravessam e também constituem quem eu sou hoje.

Cavando memórias: Fios conectores

Para a escrita do projeto solicitado pelo Fragmento Urbano acerca do nosso desejo de criação, não foi estipulado formatos, normas ou delimitações de páginas. A sua escrita era livre. Entretanto, eu optei por uma elaboração que fosse ao encontro de uma proposta para ser usada em ambientes institucionais que prezam principalmente por um formato hegemônico. Embora

ocorram variações entre editais e instituições, uma base que siga as normas da ABNT, que contemple capa, resumo, palavras-chave, introdução, objetivos, metodologia, cronograma, conclusões parciais e referências é possível de ser executada e utilizada para diferentes fins com as devidas modificações caso a caso. Portanto, foi o que eu fiz. Atitude estrategicamente pensada no coletivo, em partilhar saberes. Mostrar que é possível o diálogo entre a escrita formal e a informal, bem como, na importância e necessidade de criarmos as nossas próprias “terras natais” na escrita, reinventar lógicas, normas, formatos, levando em consideração ao máximo possível a nossa essência.

Cabe mencionar que eu tentei cinco vezes ingressar no mestrado e consegui apenas na sexta vez. Hoje eu tenho a consciência de que se eu tivesse uma referência como esta que tentei proporcionar, o caminho provavelmente teria sido mais fácil. Considero importante saber usar também as armas e ferramentas hegemônicas para ocupar espaços e ressignificá-los. Portanto, as minhas escritas nesta ocasião especial relacionada ao grupo, no mestrado e na vida, mesclam escritas hegemônicas, escritas informais, poesias e o *pretuguês* (GONZALES, 1984), referência indispensável.

O *pretuguês* é um termo usado pela feminista, intelectual, ativista negra Lélia Gonzales. Em seus textos, ela usa a linguagem informal para discorrer sobre diversos conceitos, como por exemplo:

“a gente, sacar, crioulada, cumé, prá, um barato, sarro, trepa”.

Gonzales (1984) ainda explica que

é engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano no qual o L inexistente. Afinal, quem é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês. (GONZALES, 1984, p. 16)

Portanto, ao optar por esta escrita que dialoga entre o formal e o informal, cabe enfatizar que isso não é um “procedimento” novo. Em 1984, Gonzales já abria caminhos dentro e fora da academia para que fosse possível eu usá-lo e ressignificá-lo hoje. Diante deste fato cabe ressaltar que não estou reinventando a roda, mas tentando fazer com que ela não pare de girar e seja cada vez mais valorizada, reconhecida, validada e propagada.

Ao encontro desta perspectiva não hegemônica, torna-se cada vez mais urgente e necessário *sulear-se*. Márcio D’Oliveira cunhou este termo, bastante utilizado por Paulo Freire. A partir deste conceito, abrem-se reflexões e possibilidades de saberes fazeres pautados por perspectivas sul-sul, menos eurocentradas, impostas ou pautadas principalmente sobre o que nos chega do que se estabeleceu por norte. Inclusive, deve-se lembrar que há pessoas do norte com práticas *suleadoras*. Bem como, são inúmeras e

diversificadas as formas de sulear-se. Ao abordar este termo os pesquisadores Júnior e Ude (2019) apontam que

sulear pode ser compreendido como um exercício constante de resistência às astúcias da razão ocidental que, incessantemente se reinventa em estratégias objetivas e sutis para capturar nossas experiências subjetivas e cognitivas a fim de subjugá-las, num exercício espiralado de dissimulação de suas formas de perenização. Dessa forma, deve ser compreendido para além das fronteiras físicas e simbólicas impostas, como fruto da experiência sensível dos povos indígenas em todas as regiões do mundo e dos africanos em diáspora. Pois, sulear, para além de uma referência ao hemisfério Sul, está associado diretamente á uma prática decolonial de desestabilização de um sistema secular de dominação da subjetividade identitária. (JÚNIOR; UDE, 2019, p. 173)

Portanto, *suleada* por estas perspectivas, a poesia abaixo vomitada em uma madrugada após a oficina, em que eu não conseguia dormir pensando nas perguntas e nos meus desejos, surgiu para de certa forma sintetizar as minhas escolhas naquele momento. Assim, iniciei as minhas danças poéticas naquela noite, através das grafias no papel (MARTINS, 2002). Começara a se desenhar o meu terrorismo poético. As memórias borbulhavam em minha cabeça, desejando sair, pedindo para serem externalizadas e não permanecerem guardadas.

Aborto
Nasci já com a corda no pescoço
Com o cordão umbilical, melhor dizendo
No sufoco
A mãe também passou por eles quando engravidou da
Lu
Mulher preta, 21 anos

A primeira filha do carnaval
Mulher pobre, do interior do Rio Grande do Sul
De Tapera
A mãe, Ibraema, não aceitou
A expulsou
A mãe Sandra, tentou o aborto
Agulha de crochê na mão
Chutes dados pela amiga na barriga
Mas não adiantou
A Lu nasceu
As duas na rua
Passando fome no natal
Enquanto a mesa dos outros estava cheia
Eu, início da pandemia
Preso na casa de quem eu não conhecia
Atração, sexo, a camisinha saiu
Tava no teu pau, como tu não sentiu?
Depois vai eu, que não transei sozinha
Mas fui sozinha comprar DIAD
Sozinha não, o medo e o desespero me faziam
companhia
E assim menstruei por duas semanas seguidas...
Enfim casa, junto aos meus
A preocupação de precisar abortar em meio a pandemia
Sozinha, pois quem trepou comigo
Não sentia agonia
Exame de sangue para detectar
Gravidez, HIV, sífilis, hepatite
Amém, eu tava limpa
Dores de cabeça, vômitos, mal estar
Estavam presentes
Seria estresse, preocupação
Ou a necessidade de fazer o exame novamente?
Esperei, confiei...
Momento pandêmico
Seleção para o mestrado
E eu no meio desse caos
Como conseguir abortar?
Onde? Quando? Quanto?
E assim correram os meses
Com o medo e a certeza
Que nessa caminhada
Seria eu por eu mesma
A julgada
A largada

A vagabunda
A rasgada
Cada mês olhando o corpo com atenção e percepção
Assim como olhava os sintomas de gravidez na internet
Minhas tetas não incham
Estou menstruando
Não sinto enjoos
Embora eu vomite as vezes
Mesmo assim a calma só veio
Ao final dos 9 meses
Onde me encontro novamente
Em uma situação parecida
Com a que inicio este relato
Na companhia de uma fotógrafa
Longe da minha casa
E em meio a pandemia
Porém, sem o medo de carregar um bebê que me
seguia.
(Diário de bordo, Liana da Silva Cunha. Mairiporã/SP, 2021)

Esta escrita poética fez parte do projeto apresentado ao Fragmento Urbano e traz vários pontos que merecem ser explanados. Entre eles, as escritas e pesquisas ancoradas na autobiografia. Procedimento que eu defendo, pratico e valorizo, ainda mais quando se refere as pessoas negras no ambiente acadêmico. Nesta escrita trago a tentativa de aborto que a minha mãe realizou ao engravidar da sua primeira filha, a minha irmã mais velha. Devido a esta gravidez, a minha mãe foi expulsa de casa pela minha avó. Além disso, trago um relato acerca de uma das práticas de *stealth* da qual eu fui vítima, a mencionada acima ocorreu no início da pandemia, em 2020. É preciso que as nossas histórias sejam contadas do nosso jeito, valorizadas e reconhecidas como epistemologias capazes de gerir e propagar saberes fazeres, a contrapelo do epistemicídio.

Estamos inseridos em um contexto, em um território, em uma época específica. Somos pessoas negras, as nossas experiências sofrem influências de todos estes atravessamentos, entre muitas outras interseccionalidades (AKOTIRE, 2019) permeadas pelo racismo institucional, estrutural e cotidiano. Portanto, ao falar de si, a partir de si, nunca falamos apenas para nós e de nós. Vejo esta prática como uma das maneiras de efetivamente ir contra a colonialidade, questionando os modos hegemônicos de construção de conhecimentos, propor novos 'modelos' e realizar práticas antirracistas.

Além dessas experiências relatadas na poesia, outros acontecimentos que me envolvem diretamente ou que envolvem a minha família, me conduziram pouco a pouco para a escolha de trazer o aborto e a prática do *stealth* como fio condutor do meu processo criativo. Entre esses acontecimentos estão o único período em que eu fiz uso de anticoncepcional injetável e a gravidez da minha irmã.

Houve diversos outros acontecimentos, como mais uma tentativa de aborto da minha mãe, durante a sua terceira e última gestação, diversos outros episódios de *stealth* dos quais eu fui vítima e um relacionamento homoafetivo, onde a mulher com a qual eu me relacionava já havia sofrido abuso sexual. Porém, não foi atendida nem acolhida de maneiras cuidadosas e afetivas durante os desdobramentos deste caso, principalmente ao buscar ajuda em unidades básicas de saúde. Diante deste cenário e das diversas

experiências, vou me ater a explicar um pouco mais sobre o período em que eu usei anticoncepcional injetável e a gravidez da minha irmã mais velha.

Cuidado ou controle?

Eu sou uma pessoa do interior do estado do Rio Grande do Sul, uma cidade chamada Santa Maria. Portanto, a ligação e o contato com a natureza fazem parte da minha constituição desde que eu nasci. Aprendi com o meu pai os nomes de algumas árvores, de alguns pássaros e de algumas plantas medicinais que ele reconhece só de olhar. Até hoje eu não memorizei todos esses conhecimentos que ele me transmitiu. A minha mãe também traz uma relação muito profunda com a natureza, a terra e as plantas que ela cultiva com carinho e atenção todos os dias no nosso quintal.

Cresci neste ambiente, cercada por árvores, animais, o canto dos pássaros. Cresci tomando chás para curar ou amenizar algumas doenças físicas e utilizando as pomadas de calêndula que a minha mãe preparava. Essas vivências me fazem evitar até onde for possível o uso de remédios da medicina ocidental branca e tradicional. Esse é um dos motivos que me fazem não querer usar anticoncepcionais. Entretanto, após alguns anos em um relacionamento amoroso eu fui induzida e controlada para usá-los. Esse acontecimento é de muito tempo atrás porém, me marca ainda hoje já que consigo ver essa ação por outras perspectivas e porque foi a única vez em que eu coloquei esses hormônios no corpo.

Essa pessoa com a qual eu me relacionava, sabia das minhas histórias, vivências e aversão quanto ao uso de remédios da medicina tradicional. Ele sabia do meu desconforto e o quanto eu me sentia psicologicamente mal em precisar usá-los. Mesmo assim, me manipulou tanto que certa vez acabei cedendo. Para que ele tivesse a certeza de que eu estava fazendo o uso deste método contraceptivo também, pois sempre usávamos o preservativo, ele me conduzia até a farmácia para a aplicação do anticoncepcional injetável.

Naquela época, eu via essa ação como um ato de carinho, de cuidado, de afeto, de proteção. Com os meus olhos de hoje, percebo como uma falta de respeito as minhas vontades, como manipulação, como controle, como uma forma de exercer poder sobre o corpo que sou, como pressão e talvez até violência psicológica. Há muitos fatores emocionais, sentimentais e afetivos envolvidos em um relacionamento, que contribuíram para este acontecimento. Pois, as violências nem sempre são explícitas. Essa situação, por exemplo, é um caso de violência exercida de maneira sutil. Usei o anticoncepcional injetável por menos de um ano, quando decidi de vez abandonar esta prática, menstruei por dois meses ininterruptos, aproximadamente sessenta dias sangrando, assustada e preocupada. Foi a primeira e última vez que eu me 'deixei' ser manipulada neste sentido.

O passado e o presente: as gravidezes na família

Temos um pequenino na família, o meu sobrinho Ravi, de dois anos e meio. Quando a minha irmã descobriu a sua gravidez e me contou, eu disse que se o desejo dela fosse não seguir adiante na gestação eu a apoiaria e a ajudaria. Ela decidiu pelo caminho inverso do que a nossa mãe fez, quando descobriu que estava gestando a sua primeira filha: optou por gerar o Ravi, aos 26 anos de idade. Em um relacionamento abusivo, com violências sutis e explícitas que eu percebia sempre que a visitava: antes, durante a gestação e após o nascimento do Ravi. Posteriormente, esses fatos os levaram a separação após pouco mais de dois anos se relacionando.

Analisar e perceber as condições em que a minha mãe e a minha irmã se encontravam no momento em que descobriram que estavam grávidas foi mais um elemento que me fez refletir criticamente durante o processo criativo. A minha mãe é uma mulher negra retinta, na época de sua gravidez se encontrava em uma situação de extrema pobreza e órfã do seu pai. Sofreu diversas violências físicas, verbais e psicológicas da sua mãe ao longo da vida. Tinha baixa escolaridade e portanto, pouca informação. Não tinha um relacionamento, engravidou a primeira vez após um sexo casual, aos 21 anos. Além disso, morava em uma pequena cidade, bem mais no interior do estado, em Tapera/RS.

A minha irmã é uma mulher negra de pele clara. Quando engravidou, morava na capital de Santa Catarina, em Florianópolis. Estava em um relacionamento estável e não se encontrava em uma situação de extrema pobreza. Contava com o apoio da família, pois temos vínculos afetivos e os nossos pais vivem. Também sofreu violência física, verbal e psicológica da nossa mãe, mas em um grau menor. Tinha um emprego fixo, com carteira assinada, já havia concluído a sua graduação e estava cursando a pós-graduação. Engravidou aos 26 anos de idade. Ao se separar, no final do ano de 2020, retornou para a nossa casa no Rio Grande do Sul onde tem o apoio, acolhimento e afeto de todas e de todos nós.

Na idade que eu tenho hoje, 26 anos, a minha mãe já tinha às três filhas e a minha irmã já estava grávida. É muito importante ter a consciência dessas diferentes situações, desses momentos, a época em que aconteceram, o território em que aconteceram, o contexto e as circunstâncias que permearam os fatos. Ao iniciar um processo criativo, quando decidimos nos aprofundar em histórias e memórias nossas, muitos sentimentos, sensações e emoções que estavam adormecidos, emergem. Portanto, durante esta criação, muitas lágrimas foram derramadas principalmente ao me colocar no lugar da minha mãe. Os processos criativos são uma oportunidade de se confrontar e ser confrontada pelo passado, perceber como ele interfere no presente e pensar o/no que fazer com eles no futuro. É um momento de dor, de compreensão, de tentativas de cura e de perdão, principalmente consigo.

Eu não sou esgoto do gozo alheio



Performance *Eu não sou esgoto do gozo alheio*. Santa Maria/RS, 2021. Arquivo pessoal.

Após essa breve contextualização no campo do coletivo a respeito do grupo Fragmento Urbano, da questão do aborto no Brasil e da prática de *stealth*, ocorreu uma contextualização mais individual acerca das minhas experiências, bem como, as que afetaram as mulheres negras da minha família. A partir de agora, irei me debruçar sobre como ocorreu o processo na prática até a sua apresentação para gravação e envio ao grupo.

A proposta inicial do meu terrorismo poético, descrito no projeto, envolvia um 'balão' de camisinha, tinta branca para que remetesse ao gozo e talvez um barbante ou fio de náilon. Não

poderia deixar de trazer a agulha de croché, objeto usado pela minha mãe na sua tentativa de aborto da sua primeira gravidez. O ambiente seria uma pracinha infantil. Como figurino principal, uma saia rodada. Através desses elementos a intenção seria dançar através da improvisação, brincando na rua a caminho da pracinha. Ao chegar nela, iria retirar a camisinha já com o líquido no seu interior, debaixo da saia. Após, encheria o 'balão' e retiraria a agulha de crochê também debaixo da saia, finalizando ao furar a camisinha.

Como parte das *pretagogias* (PETIT, 2016) deste processo, um diário de bordo me acompanhava. Além dele, busquei referências e inspirações nas vivências já proporcionadas pelo Fragmento Urbano, através do tambor de crioula, do batuque de umbigada, do *popping* e do *waving*. Para este processo específico, focando principalmente na cintura pélvica, no quadril, na bacia. Neste local considerado sagrado e até mesmo impuro, que sustenta órgãos reprodutores e excretores. Flui sangue, flui gozo, flui urina, flui fezes, flui vida. Havia a necessidade de *movência* dessas águas represadas, águas do atlântico (GILROY, 2001) que permanecem ainda em mim. Então, através da improvisação pensada em todas essas referências, acontecimentos e experiências, a performance iria se desenrolando.

Entretanto, durante a prática constante e diária o que a princípio seria uma improvisação, uma *brincança*, tomou outros rumos e virou uma pequena 'coreografia', graças a repetição. O registro através de gravações auxiliou diretamente nesse processo.

Visto que, após os meus improvisos, eu assistia as filmagens do dia com a intenção de ver os movimentos que surgiam e se repetiam durante as improvisações, pensando nas histórias que traziam consigo e/ou queriam contar. Como aborda Leda Maria Martins, “o que no corpo se repete, não se repete apenas como hábito, mas como técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento” (MARTINS, 2003, p. 66).

Inicialmente, como sonoridade inspiradora, estava o álbum de Luedji Luna: *Bom mesmo é estar em debaixo d’água*, devido também ao fato de que algumas letras presentes neste álbum vão ao encontro do contexto que eu procurei abarcar nesta pesquisa e criação. Então, eu escutava enquanto brincava com os movimentos poeticamente pelo quintal da minha casa. Debaixo da árvore, com os pés descalços na terra, com os joelhos, a pelve, os ombros, a coluna cedendo a força da gravidade, ao mesmo tempo em que eu me alimentava da sua energia. Entretanto, essa interferência sonora ocorreu apenas nas primeiras experimentações. Após, os sons do ambiente se tornaram a minha única trilha sonora: o latido dos cachorros, o canto dos pássaros, o passar dos carros na rua, a voz dos vizinhos, as músicas dos desenhos que o Ravi assistia na televisão da sala, as falas da minha família pela casa. Esses foram os sons que me acompanharam praticamente durante toda a criação.

A preparação do espaço ocorria como um ritual de conexão, o que foi essencial quando eu me sentia perdida neste processo, principalmente no momento em que o pano de fundo era inspirado

no/pelo Ravi. Esta parte, foi a mais difícil de criar e organizar, pois a intenção era usar as suas movimentações que, certamente, eu não realizava tão organicamente quanto ele. Nesta preparação do 'terreno' eu colocava os brinquedos do Ravi junto a mim, a saia e enchia 'balões' de camisinha. E usava outras camisinhas para colocar alguns brinquedos dentro. Eu também pegava as agulhas de crochê e balões de papel que a minha avó paterna confeccionava. Posteriormente ao perguntar para a minha irmã como ela havia aprendido o crochê, descobri que foi esta minha avó quem a ensinou.

Neste sentido, cabe mencionar a primeira vez que eu trouxe a agulha de crochê para a criação. Eu não lembrava como era a sua forma, eu não lembro de tê-la pegado anteriormente a este processo criativo. Portanto, me deparar, me confrontar com o seu formato em 'gancho' me causou muita emoção. Chorei praticamente a tarde inteira neste dia de criação, pensando no desespero, na solidão e no medo que a minha mãe deve ter sentido para chegar na situação de introduzi-la em sua vagina.

Pegar todos esses elementos para me auxiliarem na criação, espalha-los, deixá-los junto a mim, experimenta-los de diferentes maneiras possíveis, foi uma sugestão da direção do grupo que orientavam a distância, sempre a disposição de modo atento e afetuoso. Através dessas conversas era possível compartilhar os conflitos e as felicidades do andamento do processo criativo. Quero deixar registrado nesta escrita as trocas que ocorreram com a Carol

durante este percurso. A pessoa do grupo, fora a direção, que mais se sentiu à vontade e segura para compartilhar com sinceridade as suas experiências e pontos de vista que se relacionavam com o meu processo criativo e com o tema da minha pesquisa.



Processo criativo. Performance *Eu não sou esgoto do gozo alheio*. Santa Maria/RS, 2021. Arquivo pessoal.

Com o decorrer das práticas e a ritualização ao preparar o ambiente, constantemente a organização deste espaço era modificada. As transformações diárias ocorreram até o momento em que eu encontrei um formato específico, que me auxiliou diretamente na criação: organizar os brinquedos do Ravi em círculo.

Através desta circularidade física e visível, bem como, a 'limpeza' aparente, tive a sensação que as ideias, os movimentos, as inspirações passaram a fluir cada vez mais organicamente. As nuvens de dúvidas que pairavam sobre os meus pensamentos, pareceu se dissipar. Como um sol que abre após um dia chuvoso ou

nublado. Isso é algo da criação que não há como prever anteriormente em um projeto, surge com o decorrer da experimentação diária. A experimentação conversa com a gente, basta percepção e sensibilidade para ouvirmos.



Processo criativo. Performance *Eu não sou esgoto do gozo alheio*. Santa Maria/RS, 2021. Arquivo pessoal.

Outra questão que apenas através da experimentação é possível saber se funciona ou não, é o uso do figurino. Eu já tinha uma saia rodada, então, era esta saia que eu usava diariamente nas minhas improvisações. Entretanto, eu não tinha a intenção de realizar a gravação final com ela. A cor e o comprimento não me agradavam. Busquei referências nas saias do tambor de crioula e providenciei através de uma costureira a sua confecção.

Esta nova saia rodada tinha um comprimento longo até os pés. Não havia me dado conta da influência que teria este

comprimento anteriormente. Então, certamente, eu tive dificuldades em readaptar as movimentações já criadas, pois eu não queria eliminá-las por completo. Eu pisava constantemente na saia perdendo o equilíbrio. Entretanto, visto que eu deixei essa experimentação com a nova saia para as últimas semanas, eu não consegui que a costureira encurtasse novamente em tempo suficientemente bom para ensaiar mais uns dias com ela, antes da última gravação e envio.

Ao encontro desta problemática está o local de ensaio. Eu ensaiava no pátio da minha casa, onde há uma parte com terra, mas a outra parte é calçada. Na última semana, antes do prazo estipulado para enviar o vídeo, começo a frequentar a pracinha infantil e inevitavelmente me deparo com dificuldades de execução neste novo ambiente. As pedrinhas no chão que machucavam os pés descalços, a grande instabilidade causada pela areia fofa, aliado ao desequilíbrio causado por pisar na saia longa demais. Foi necessário mais uns dias de readaptação frente a estas questões.

O tempo determinado de performance estipulado pelo Fragmento Urbano era entre cinco e dez minutos. A minha girou em torno dos sete minutos. Durante este tempo organizei três momentos que tentassem abordar as trajetórias das mulheres da minha família. Outra reformulação que só ocorreu devido a prática, não foi pensado anteriormente durante a elaboração do projeto.

O primeiro momento foi ao encontro das histórias e experiências da minha mãe e da minha avó materna. A gravidez não

planejada aos 21 anos, as tentativas de aborto através de chutes, socos e a agulha de crochê. O medo, as tentativas de esconder a sua barriga, o fato de ter sido expulsa de casa após a descoberta desta gestação. Um momento mais introspectivo e pausado, visível através das movimentações e do modo que usei a saia na altura do pescoço, gerando outras possibilidades de imagens: saia esconderijo, saia casa, saia pássaro...

O segundo momento foi ao encontro das histórias e experiências da minha irmã mais velha. A sua gravidez assumida, o acolhimento e alegria da nossa família, entretanto, em um relacionamento abusivo que culminou na separação e de certo modo, a liberdade. A chegada do Ravi, as suas brincadeiras, danças e celebrações. A nossa avó paterna também permeia este momento, através de seus ensinamentos de crochê propagados. Este foi um momento em que eu consegui trazer a diversão, a brincadeira para este processo criativo. Inspirada nas movimentações do Ravi, suas danças, seus giros, seus saltos, seus modos de queda e recuperação.

O terceiro momento foi ao encontro das minhas próprias histórias e vivências já explanados anteriormente. Estas, encontram semelhanças com os pontos de vista da minha irmã mais nova. Nós duas somos mais porosas em relação a não optar pela maternidade e cogitamos a prática do aborto, caso ocorra uma gravidez não planejada. Portanto, é neste momento em que ocorre a perfuração da camisinha, com a agulha de crochê, escorrendo o líquido de seu

interior. Acabei fazendo a escolha pelo leite, ao invés de tinta branca. Este foi o momento que mais me gerou preocupação pois, no dia da gravação justamente a caminho deste último momento, várias pessoas e crianças começaram a chegar na pracinha. Inevitavelmente, eu estava com medo do que poderia acontecer. Então, preferi não arriscar e fui para o campo de futebol afastado dos brinquedos da pracinha para começar a encher o 'balão' e em seguida, furá-lo.

A minha mãe e a minha irmã mais velha, embora tenham me visto durante todo o processo com os materiais e ensaiando no pátio da nossa casa e na pracinha infantil, não sabem diretamente que elas foram a minha inspiração. Que eu estava tentando contar as nossas histórias. Visto que, eu não sei como isso iria afetá-las hoje, ao relembrar diretamente desses acontecimentos. Então, eu não me senti segura e confortável para comunicá-las, embora eu ache importante que elas saibam. Apenas a minha irmã mais nova e o meu cunhado, que participaram diretamente me auxiliando na gravação final, sabiam do contexto que eu estava abordando na performance. Inclusive, para auxiliá-los na captura das imagens.

Pequenas amarrações momentâneas de pontas que seguirão soltas

Após a imersão neste processo criativo, em meio a este momento pandêmico, ainda não tenho a intenção de me debruçar novamente neste trabalho. Cabe ressaltar que os processos criativos

são intensos e acabam movendo muitas vezes camadas dolorosas, difíceis de lidar. Neste contexto, não foi diferente. Apesar de todo apoio, auxílio, disposição e conversas com as pessoas que integraram a direção deste processo, realizá-lo a distância, 'sozinha', abordando um assunto tão íntimo e sensível, foi um desafio, embora também uma escolha. A falta do afeto, do olhar, das trocas presenciais interferem diretamente no psicofísico.

Frente a esta questão outro desafio é tentar descrever da melhor maneira possível como ocorreu esta criação e os procedimentos adotados para a sua realização. Portanto, é mais um motivo que impulsionou para a escrita deste artigo. Colocar em palavras escritas o que foi realizado com o corpo em movimento pelo/no/com/através do espaço. Tentar organizar esse pensamento prático teórico e fechar este ciclo da maneira mais completa possível neste instante. Visto que, em um primeiro momento houve a escrita no papel (projeto), seguido pela escrita em dança através do corpo no espaço (performance), culminando na fala após a apresentação do videodança, através de uma *live* (2021) promovida pelo festival. Organizar os pensamentos através dessas três diferentes maneiras, escrevendo, dançando e falando, é um exercício de importante realização. Mesmo compreendendo os atravessamentos e as interferências que ocorrem entre eles. Portanto, devido ao assentar das ideias e reflexões sobre este processo, muitos outros detalhes eu ainda não consegui elucidar durante elaboração deste artigo.

Ainda falta maturidade e sabedoria frente os acontecimentos e camadas que envolveram este processo com um todo, levando em consideração o antes, o durante e o depois. Visto que, após o termino deste percurso criativo, permaneci durante vinte dias em São Luís/MA. Experienciando e observando o quadril, a pelve e o uso da saia, através do tambor de crioula e do cacuriá, bem como, através do personagem Cazumba do bumba meu boi. Juntamente com a artista, brincante, pesquisadora e vice-presidente do Boi da Floresta de Mestre Apolônio, a Talyene Melônio. Sigo no processo de assentamento das ideias e reflexões.

Outra problemática relacionada a este processo de criação refere-se ao registro: a falta de materiais e equipamentos adequados para uma boa captura de imagens. Isso é algo que afeta diretamente a quebrada, pois envolve a questão financeira para aquisição. Ao levar em consideração o momento pandêmico (home office, as aulas não presenciais, maior tempo diante das telas etc) o aumento dos preços de celulares, notebooks, câmeras, entre outros, foi gritante.

A problemática relacionada ao registro também vai ao encontro dos próprios artistas lembrarem de realiza-lo em seus processos. Visto que, as vezes, estamos tão envolvidos e imersos na prática que esquecemos de fotografar, filmar ou pedir para terceiros executarem esta tarefa. Além disso, tentar orientar e explicar da melhor maneira para as pessoas envolvidas no processo de captação de imagens, a importância de acompanhar os ensaios

sempre que possível. Ainda mais quando são pessoas que não estão habituadas com este fazer. É um detalhe que faz muita diferença e que no meu contexto, não foi viável. Cabe mencionar que a direção do grupo Fragmento Urbano nos lembrou e incentivou diversas vezes para captar estes registros diários e cotidianos, não apenas focado no registro final e não focado apenas em nós, mas também nas pessoas que nos acompanharam durante este percurso criativo.

Ao mesmo tempo em que todos esses conflitos e revoltas surgiram, desde me confrontar com as memórias passadas e presentes, a escolha do tema pelo aborto e *stealth*, até a questão do processo ocorrido a distância, também há prazeres, felicidades, diversão, encantamento. Individualmente falando a diversão surgiu nos encontros semanais, através das conversas com o grupo, das brincadeiras propostas pela direção ou recebendo outros artistas pesquisadores. A diversão também surgiu no próprio ato de criar junto ao Ravi, meu companheiro de criação que tentava pegar os seus brinquedos de volta enquanto eu os usava.

Conseguir amarrar uma cena, ver o caminho percorrido como um todo, ver as apresentações e os processos de cada integrante desaguar em um videodança, compilando tantas experiências, é emocionante e inspirador. Este processo me faz valorizar ainda mais os artistas de quebrada, por fazerem tanto, com tamanha qualidade e preparo, mesmo em meio a precariedade que nos atinge. Também me encheu de felicidades poder me arriscar, me desafiar e mergulhar em um processo criativo coletivo como

este depois de tantos meses, possibilitando tirar um pouco o foco das problemáticas atuais, respirando outros ares e desprendendo energias para algo além.

É importante registrar também que na edição do videodança os três momentos da minha criação não aparecem de forma linear. Ocorrem atravessamentos dos três momentos citados anteriormente, por motivos pertinentes a direção e a responsável pela edição, que não fazem parte do meu campo de conhecimento para que eu possa discorrer com sabedoria e responsabilidade sobre. Além disso, visto que cada integrante do grupo também foi um pouco diretora e diretor do seu próprio processo, após a finalização deste percurso em grupo, foi acordado dar seguimento a ele individualmente caso seja o nosso desejo. Seja vendendo-o, reeditando o material que produzimos, apresentando em outros lugares, dando o devido crédito aos envolvidos. Portanto, seu fluxo segue e seguirá, como as águas que me moveram nesta criação. Como mencionou certo dia o diretor Douglas Jesus: 'esses processos são obras para além da vida, por isso nos custam tanto'.

Me despeço momentaneamente, agradecendo a minha avó materna Ibraema Cruz, a minha avó paterna Eva Rosa, a minha mãe Sandra Regina, a minha irmã Luana Gasola, a minha irmã Leandra Cunha, o meu pai João Elói, o meu sobrinho Ravi Gasola e o meu cunhado Felipe Medeiros por me auxiliarem de maneiras além do que foi possível explanar neste artigo, por me fortalecerem e me cuidarem na vida, por serem alimento vital nas minhas caminhadas e

andanças pelo mundo, *a(fé)tividades* fundamentais nas minhas criações e na minha existência.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. 339f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GILROY, Paul. O atlântico negro: Modernidade e dupla consciência. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-Graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais. P. 223 – 244. Outubro, 1984.

JÚNIOR, Jair da Costa. UDE, Walter. Educação afrodiaspórica e transformações na prática universitária: O SULEar como uma perspectiva decolonial entre saberes. Revista Interdisciplinar Sulear – UEMG. Dossiê Sulear. Nº 2. Setembro, 2019.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano. Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro; Cobogó, 2019.

LIVES 13º Visões Urbanas. Caixa de Imagens e Fragmento Urbano. 25/06/21. Carlos Gaúcho, Douglas Jesus, Ederson Lopes, Leandro Antônio, Liana Cunha, Mônica Simões, Tiago Reis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Czp4oJaK7nc&t=173s>. Acesso em 25, ago, 2021.

Luedji Luna. Bom mesmo é estar debaixo d'água (álbum visual). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7lPX61UdJ4>. Acesso em 25, ago, 2021.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: Corpo, lugar da memória. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. Nº 26. P 63 – 81. Junho, 2003.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In; RAVETI, Graciela; ARBEX, Márcia. (Org.). Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. P. 69 – 89.

Ministério da saúde. Atenção Humanizada ao Abortamento – Normas Técnicas. 2º Edição. Brasília: 2011. P. 62. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_humanizada_abortamento_norma_tecnica_2ed.pdf. Acesso em 16, ago, 2021

NASCIMENTO, Abdias do Nascimento. O genocídio do negro brasileiro: Processos de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PETIT, Sandra Haydée. Práticas pedagógicas para a Lei nº 10.639/2003: a criação de uma nova abordagem de formação na perspectiva das africanidades. Juiz de Fora: 2016. v. 21. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19874> . Acesso em: 24, ago, 2021.

VIGOYA, Mara Viveros. As cores da masculinidade: Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Tradução: Allyson de Andrade Perez. – Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

Terrorismo poético: Pequenas ações para encantar a quebrada. Criação: Fragmento Urbano. Orientações: Douglas Iesus e Tiago Reis. Produção: Anelise Mayumi e Iolanda Costa. Edição de

imagens: Alice Soares. Trilha sonora: Thiago Sonho. Dançarines criadores: Anelise Mayumi, Beatriz Pontes, Caroline Machado, Cic Moraes, Douglas Jesus, Eduardo Dialético, Iolanda Costa, Ivamar Santos, Liana Cunha, Luiz Negresco, Melvin Santhana, Munique Costa, Thiago Sonho e Tiago Reis. São Paulo. Youtube Cia. Artesãos do Corpo/Dança-Teatro. 13º Visões Urbanas. Festival Internacional de Dança em Paisagens Urbanas. 25/06/21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I529368jqNU>. Acesso em: 24/08/21.

NOTAS

¹ Liana da Silva Cunha, afro-gaúcha, artista da dança. Mestranda em Teatro na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Técnica de Palco pela SP Escola de Teatro: Centro de Formação das Artes do Palco. Bacharela em Dança pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Integrante do grupo Fragmento Urbano.

SUBMISSÃO: 12 de setembro de 2021

ACEITE: 14 de fevereiro de 2022